



ATHENA — Esquisso dos *Pescadores*

por LINO ANTONIO

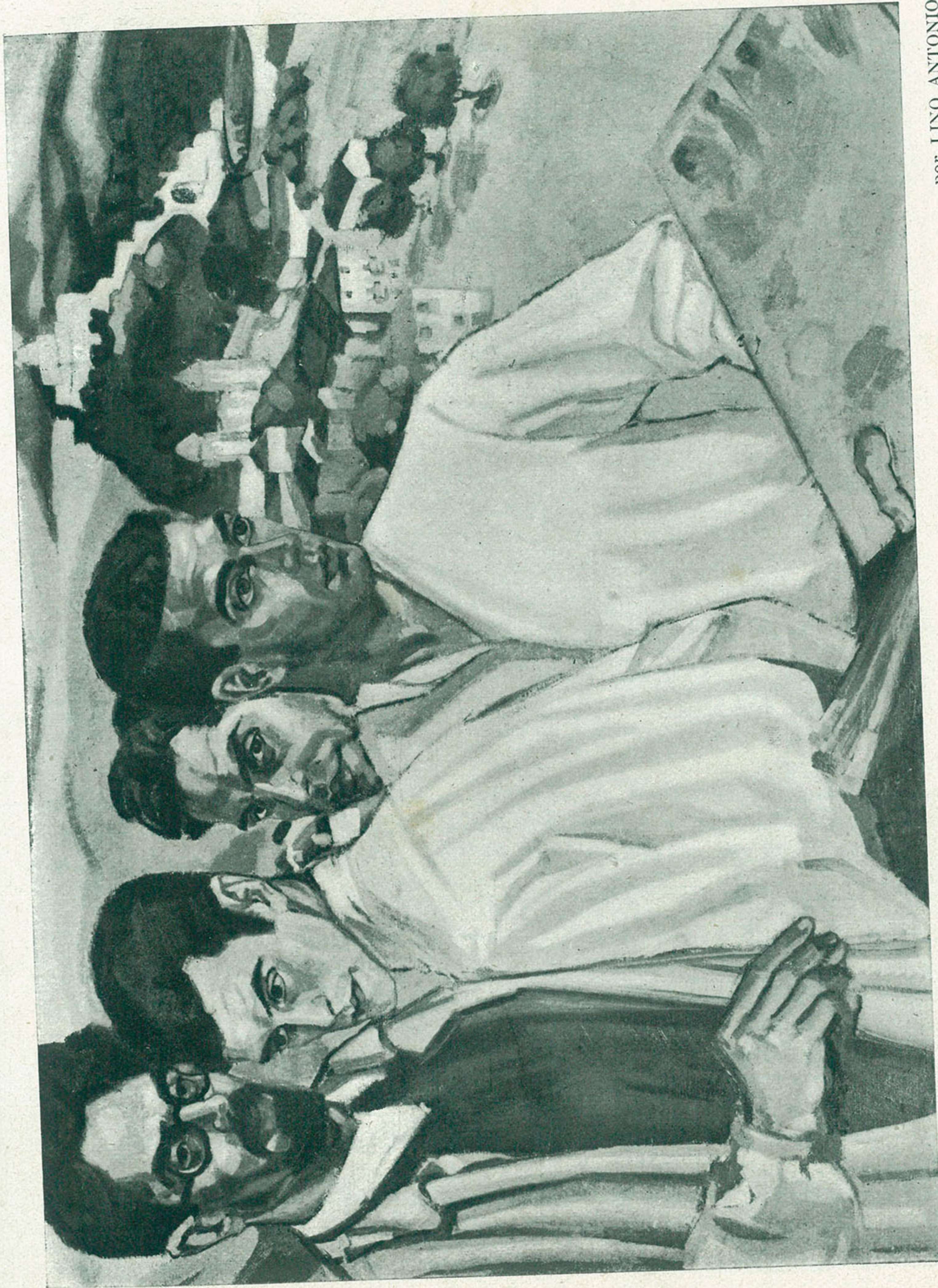




ATHENA — *Leiria* (entardecer)

por LINO ANTONIO





por LINO ANTONIO

ATHENA — N°8





por LINO ANTONIO

ATHENA — Varinas







ATHENA — Desenho

por LINO ANTONIO

101 0511 0101



ATHENA R—etrato da 1.<sup>a</sup> Viscondessa de Menezes

pelo VISCONDE DE MENEZES





ATHENA — Retrato d'uma filha do pintor — pelo VISCONDE DE MENEZES



ATHENA — Retrato do 1.º Visconde de Menezes — pelo VISCONDE DE MENEZES





ATHENA — *Retrato da Viscondessa de Menezes (Carlota)*

pelo VISCONDE DE MENEZES







ATHENA — *Paysagem*

pelo VISCONDE DE MENEZES



ATHENA — *Flôres e fructos*

pelo VISCONDE DE MENEZES





ATHENA — Retrato do artista

pelo VISCONDE DE MENEZES



ATHENA — Cabeça de criança

pelo VISCONDE DE MENEZES





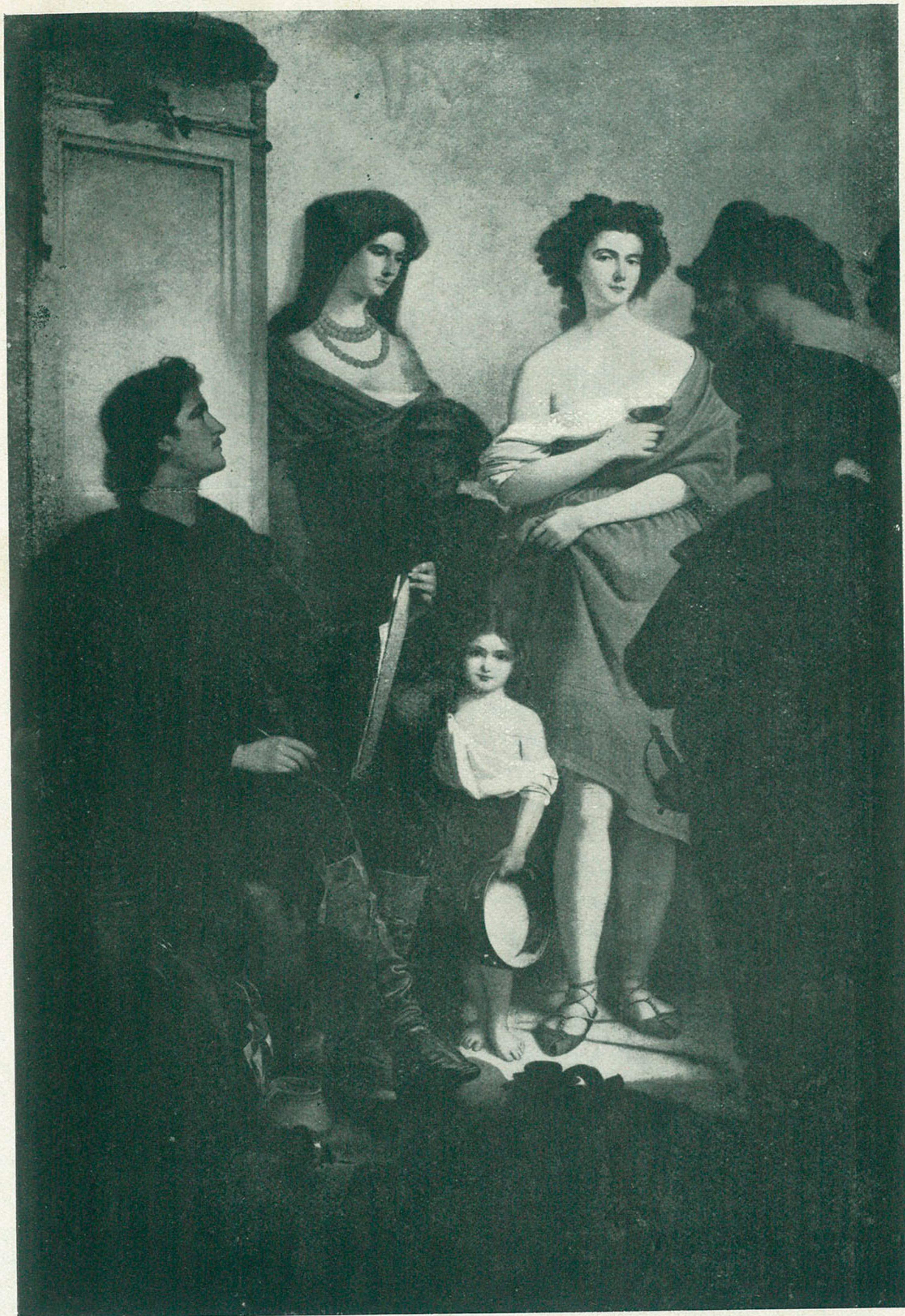
ATHENA — *M. King da U. de Cambridge* pelo VISCONDE DE MENEZES



ATHENA — *Retrato de J. de M.*

pelo VISCONDE DE MENEZES





ATHENA:— *Salvatore Rosa entre os bandidos da Calabria*

pelo VISCONDE DE MENEZES





# MARIO DE SÁ-CARNEIRO

(1890-1916)

*Atque in perpetuum, frater, ave atque vale!*

CAT.

*Morre jovem o que os Deuses amam*, é um preceito da sabedoria antiga. E por certo a imaginação, que figura novos mundos, e a arte, que em obras os finge, são os signaes notaveis d'esse amor divino. Não concedem os Deuses esses dons para que sejamos felizes, senão para que sejamos seus pares. Quem ama ama só a igual, porque o faz igual com amal-o. Como porém o homem não pode ser igual dos Deuses, pois o Destino os separou, não corre homem nem se alteia deus pelo amor divino: estagna só deus fingido, doente da sua ficção.

Não morrem jovens todos a que os Deuses amam, senão entendendo-se per morte o acabamento do que constitue a vida. E como á vida, além da mesma vida, a constitue o instincto natural com que se a vive, os Deuses, aos que amam, matam jovens ou na vida, ou no instincto natural com que viver-a. Uns morrem; aos outros, tirado o instincto com que vivam, pesa a vida como morte, vivem morte, morrem a vida em ella mesma. E é na juventude, quando nelles desabrocha a flor fatal e unica, que começam a sua morte vivida.

No heroe, no sancto e no genio os Deuses se lembram dos homens. O heroe é um homem como todos, a quem coube por sorte o auxilio divino; não está nelle a luz que lhe astreia a fronte, sol da gloria ou luar da morte, e lhe separa o rosto dos de seus pares. O sancto é um homem bom a que os Deuses, por misericordia, cegaram, para que não soffresse; cego, pode crer no bem, em si, e em deuses melhores, pois não vê, na alma que cuida propria e nas cousas incertas que o cercam, a operação irremediavel do capricho dos Deuses, o jugo superior do Destino. Os Deuses são amigos do heroe, compadecem-se do sancto; só ao genio, porém, é que verdadeiramente amam. Mas o amor dos Deuses, como por destino não é humano, revela-se em aquillo em que humanamente se não revelára amor. Se só ao genio, amando-o, tornam seu igual, só ao genio dão, sem que queiram, a maldição fatal do abraço de fogo com que tal o affagam. Se a quem deram a belleza,

só seu attributo, castigam com a consciencia da mortalidade d'ella; se a quem deram a sciencia, seu attributo tambem, punem com o conhecimento do que nella ha de eterna limitação; que angustias não farão pesar sobre aquelles, genios do pensamento ou da arte, a quem, tornando-os creadores, deram a sua mesma essencia? Assim ao genio caberá, além da dor da morte da belleza alheia, e da magoa de conhecer a universal ignorancia, o soffrimento proprio, de se sentir par dos Deuses sendo homem, par dos homens sendo deus, exul ao mesmo tempo em duas terras.

Genio na arte, não teve Sá-Carneiro nem alegria nem felicidade nesta vida. Só a arte, que fez ou que sentiu, por instantes o turbou de consolação. São assim os que os Deuses fadaram seus. Nem o amor os quer, nem a esperanza os busca, nem a gloria os acolhe. Ou morrem jovens, ou a si mesmos sobrevivem, incolas da incomprehensão ou da indifferença. Este morreu jovem, porque os Deuses lhe tiveram muito amor.

Mas para Sá-Carneiro, genio não só da arte mas da innovação nella, junctou-se, á indifferença que circumda os genios, o escarneo que persegue os innovadores, prophetas, como Cassandra, de verdades que todos teem por mentira. *In quá scribebat, barbara terra fuit.* Mas, se a terra fôra outra, não variára o destino. Hoje, mais que em outro tempo, qualquer privilegio é um castigo. Hoje, mais que nunca, se soffre a propria grandeza. As plebes de todas as classes cobrem, como uma maré morta, as ruinas do que foi grande e os alicerces desertos do que poderia sel-o. O circo, mais que em Roma que morria, é hoje a vida de todos; porém alargou seus muros até os confins da terra. A gloria é dos gladiadores e dos mimos. Decide supremo qualquer soldado barbaro, que a guarda impoz imperador. Nada nasce de grande que não nasça maldicto, nem cresce de nobre que se não definhe, crescendo. Se assim é, assim seja! Os Deuses o quizeram assim.

FERNANDO PESSOA

# OS ÚLTIMOS POEMAS DE MARIO DE SÁ-CARNEIRO

---

## CARANGUEJOLA

Ah, que me mettam entre cobertores,  
E não me façam mais nada!...  
Que a porta do meu quarto fique para sempre fechada,  
Que não se abra mesmo para tí se tu lá fôres!

Lã vermelha, leito fôfo. Tudo bem calafetado..  
Nenhum livro, nenhum livro á cabeceira...  
Façam apenas com que eu tenha sempre a meu lado  
Bolos de ovos e uma garrafa de Madeira.

Não, não estou para mais; não quero mesmo brinquedos.  
Pra quê? Até se m'os dessem não saberia brincar ..  
Que querem fazer de mim com estes enleios e mêdos?  
Não fui feito pra festas. Larguem-me! Deixem-me socegar!...

Noite sempre plo meu quarto. As cortinas corridas,  
E eu aninhado a dormir, bem quentinho — que amor!...  
Sim: ficar sempre na cama, nunca mexer, crear bolor —  
Plo menos era o socego completo... História! era a melhor das vidas...

Se me doem os pés e não sei andar direito,  
Pra que hei de teimar em ir para as salas, de Lord?  
Vamos, que a minha vida por uma vez se accorde  
Com o meu corpo, e se resigne a não ter geito...

De que me vale sahir, se me constipo logo?  
E quem posso eu esperar, com a minha delicadeza?...  
Deixa-te de illusões, Mario! Bom édredon, bom fogo —  
E não penses no resto. É já bastante, com franqueza...

Desistamos. A nenhuma parte a minha ansia me levará.  
 Pra que hei de então andar aos tombos, numa inútil correria?  
 Tenham dó de mim. Co' a breca! levem-me prá enfermaria! —  
 Isto é, pra um quarto particular que o meu Pae pagará.

Justo. Um quarto de hospital, hygienico, todo branco, moderno e tranquillo;  
 Em Paris, é preferivel, por causa da legenda...  
 De aquí a vinte annos a minha litteratura talvez se entenda;  
 E depois estar ma' squinho em Paris fica bem, tem certo estylo...

Quanto a tí, meu amor, podes vir ás quintas-feiras,  
 Se quizeres ser gentil, perguntar como eu estou.  
 Agora no meu quarto é que tu não entras, mesmo com as melhores maneiras...  
 Nada a fazer, minha rica. O menino dorme. Tudo o mais acabou.

*Paris — Novembro 1915.*

### ULTIMO SONETO

Que rosas fugitivas foste allí!  
 Requeriam-te os tapetes, e vieste...  
 Se me doe hoje o bem que me fizeste,  
 E' justo, porque muito te devi.

Em que sêda de affagos me envolvi  
 Quando entraste, nas tardes que aparceste!  
 Como fui de percal quando me deste  
 Tua bocca a beijar, que remordí!...

Pensei que fôsse o meu o teu cansaço,  
 Que seria entre nós um longo abraço  
 O tédio que, tão esbelta, te curvava...

E fugiste... Que importa? Se deixaste  
 A lembrança violeta que animaste,  
 Onde a minha saudade a Côr se trava?..

*Paris — Dezembro 1915.*

## O PHANTASMA

O que farei na vida — o Emigrado  
 Astral após que phantasiada guerra,  
 Quando este Oiro por fim cahir por terra,  
 Que ainda é Oiro, embora esverdinhado?

(De que revolta ou que paiz fadado?)  
 Pobre lisonja a gaze que me encerra...  
 Imaginaria e pertinaz, desferra  
 Que fôrça magica o meu pasmo aguado?

A escada é suspeita e é perigosa:  
 Alastra-se uma nodoa duvidosa  
 Pela alcatifa, os corrimãos partidos...

Taparam com rodilhas o meu norte,  
 As formigas cobriram minha Sorte,  
 Morreram-me meninos nos sentidos...

*Paris — 21 Janeiro 1916.*

## EL-REI

Quando chego o piano estala agoiro  
 E medem-se os convivas logo, inquietos;  
 Alargam-se as paredes, sobem tectos;  
 Paira um Luxo de Adaga em mão de moiro.

Meu intento porém é todo loiro  
 E a côr de rosa, insinuando affectos.  
 Mas ninguém se me expande .. Os meus dílectos  
 Frenesis ninguém brilha! Excesso de Oiro...

Meu Dislate a conventos longos orça.  
 Pra medir minha zoína, aquém e além,  
 Só mythica, de alada, esguia côrsa.

Quem me convida mesmo não faz bem:  
 Intruso ainda quando, á viva fôrça,  
 A sua casa me levasse alguém...

*Paris — 30 Janeiro 1916.*

## AQUELL'OUTRO

O dubio mascarado, o mentiroso  
 Afinal, que passou na vida incognito;  
 O Rei-lua postiço, o falso attonito;  
 Bem no fundo o cobarde rigoroso...

Em vez de Págem bobo presumpçoso...  
 Sua alma de neve asco de um vomito...  
 Seu animo cantado como indomito  
 Um lacaio invertido e pressuroso...

O sem nervos nem ansia, o papa-açorda...  
 (Seu coração talvez movido a corda...)  
 Apesar de seus berros ao Ideal,

O corrido, o raímoso, o desleal,  
 O balofo arrotando Imperio astral,  
 O mago sem condão, o Esphynges Gorda...

*Paris — Fevereiro 1916.*

## FIM

Quando eu morrer batam em latas,  
 Rompam aos saltos e aos pinotes,  
 Façam estalar no ar chicotes,  
 Chamem palhaços e acrobatas!

Que o meu caixão vá sobre um burro  
 Ajaezado á andaluza...  
 A um morto nada se recusa,  
 E eu quero por força ir de burro!

*Paris, 1916*

# A LOUCURA UNIVERSAL

---

Com muita razão escreveu Fernando Pessoa: «... é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam». E' assim mesmo! Na loucura, qualquer que ella seja, *sobretudo* no seu período agudo, exprime-se admiravelmente toda a vida convulsiva do Universo e do Infinito. Não é o Universo uma viva reunião chaotica e ao mesmo tempo systematica (com uma razão logica interior) de uma infinidade de aspectos convulsivos em Vertigem? Não ha nelle força, espasmos, delírios, prazeres, dores, luxuria, ansia, poder, luz, trevas, humilhações, orgulho, vida e morte? E tudo isso, todos esses phantasmas da Vida, não surtem em grandeza colossal atravez do Mundo inteiro? e não surgem ainda labyrinthicamente, espasmodicamente emmaranhados uns atravez dos outros, formando um mundo authentico de Vertigem Pura? Porque não vêdes assim em tudo uma loucura universal?... Cada impressão, por mais aparentemente insignificante que seja, é um mundo infinito de cousas indefiníveis em delirio e em chaos. E todas as impressões com pensamentos, com emoções, com toda a vida, se mixturam, se confundem, se separam, se degladiam, se harmonizam, tudo labyrinthicamente e delirantemente atravez de uma incerteza essencial por isso que são indefinivelmente tudo e nada, por isso que é incerta, indecisa a sua natureza propria, que se escapa á mínima analyse, que quanto mais a profunda, mais indeterminavel, mais vertigica a encontra. O Universo, que é toda a nossa phenomenologia psychologica, tão complicada, tão labyrinthica e espasmodica, atravez de ser indefinivelmente lógica e chaotica, não constituirá pois um espirito convulsivo, delirante de loucura? E' tão gigantesco o mundo em suas convulsões essenciaes que só o genio da loucura o poderá representar. As cousas são um abysmo de Incerteza, tudo nellas é indefinível, é vertigico, e simultaneamente se separam, se mixturam, se attrahem e se repellem, sempre atravez de um delirio labyrinthico feito de agonía e de poder. Em cada cousa e em cada elemento de Ser encontramos o Infinito e nada encontramos; tudo são trevas e luz em tudo. E é a vida com a morte que numa labyrinthica dança macabra animada por Deus e por Satan, convulsiona a Existencia e o Universo, criando este em torrentes colossaes de Vertigem Pura. A loucura dos homens é a mais alta representação da Loucura Universal. No louco se concentram em delirio, em genio todas as forças universaes atravez de universaes fraquezas, todas as exaltações e todas as depressões que ha na vida do Universo.

O Ser, o Eu que fórma o Universo, que é Ser, que é Eu por surgir puro, surgir em sí, anímicamente em sí, esse Ser, essa Existencia Pura, infinita, universal, que nós sentimos em nós-Universo (1), é tão essencialmente ella-propria que é só o seu existir, sendo certo que é este a sua natureza essencial, o que essencialmente a constitue. Se a Existencia, no seu purismo, se distilla tanto que se reduz só ao que

(1) Somos Universo porque sentimos em nós existencia pura, infinita, universal, existencia que, sendo em sí por ser pura, é um puro Individuo, puro Eu, puro Ser.

tem de essencial, se reduz pois a um abstracto Existir que já não é de Existencia, *sendo vazio d'esta*, e por se dar puramente, por se dar em sí, em abstracto, é que a Existencia em nós, no seu assim exceder-se, se esvazia, se aniquila. Aniquila-se porém porque puramente se impõe, e mantendo-se essa razão sempre patente em tal auto-aniquilamento, gera-se uma situação indecisa, incerta, indefinível, vertigica. No Existir em Sí, no Existir todo Abstracção, a Existencia aniquila-se, excedendo-se, e atravez de se exceder, de se impôr, de se dar puramente, excessivamente. Assim tanto se dá como se perde, o que gera a situação indecisa, vertigica, a que me referí. Ora, se é por ser pura (infinita), por ser em sí (*apertadamente* em sí) que a Existencia se excede aniquilando-se e impondo-se em Vertigem, não resta dúvida que ella é puramente anímica e puramente anímico é tudo que se passa nella. Eu me explico.

O que é puro, o que é em sí, é um concentrar-se tão puro em sí-proprio que chega a ser puro Sentir-se ou Viver-se. O que é em sí está em contacto tão puro comsigo que chega realmente a sentir-se. A sentir-se e a crear-se, pois só está evidentemente em contacto puro, absoluto comsigo aquelle que se cria a sí-próprio, que é puro Crear-se a sí-proprio. Esse Crear-se em Sentir-se, esse Crear-se sentidamente, *animicamente* é que exprime bem o estar-se puramente em sí proprio. Só está puramente, metaphysicamente em sí-proprio o que chega ao ponto de crear-se a sí-proprio, e de uma fôrma sentida, isto é, por iniciativa anímica essencial. Se não nos creamos a nós-propios, se é exterior a nós o agente que nos cria, é que não estamos verdadeiramente em nós. Para estarmos em nós, na essencia da nossa substancia, precisamos ser o surgir d'essa essencia, identificando-nos absolutamente com esse surgir. O nosso surgir, o nosso existir, é o que ha de mais *essencial* em nós, e portanto para estarmos *essencialmente* em nós-propios precisamos identificar-nos com esse existir a ponto de sermos o agente íntimo d'elle. A Existencia, dando-se em sí, estando pois em contacto puro, essencial comsigo, identifica-se com o seu proprio existir a ponto de ser o agente íntimo d'elle, e só esse agente íntimo. Trata-se pois de um existir por sí-proprio. E como o contacto puro comsigo exprime sentir-se, é sentidamente, animicamente que se existe por sí-proprio. Trata-se pois de um Existir por iniciativa propria anímica (de um sentido, anímico Crear-se). Ora se o Existir se dá em Sentir-se (e em Crear-se puro, omnipotente, divino, tanto mais que se trata do crear a Existencia pura, infinita, o Infinito que se é), tudo o que elle suppõe, que se passa nelle, é sentido. E assim sentido é o Aniquilar-se supposto no Existir. Se é sentido, provoca soffrimento e deprimente humilhação, do mesmo modo que o sentir-se poder creativo puro, divino, leva a prazer puro, infinito, e a infinito orgulho. Assim na Existencia ou no Existir ha doloroso e humilhante aniquilamento, gerador de ansia pura de existencia, e ha atravez d'elle um gostoso, intensamente, luxuriantemente gostoso poder creador a gerar orgulho. E a dor, a humilhação, o prazer, o orgulho, a ansia, o aniquilamento, o poder creador, divino, tudo isso, todas essas categorias metaphysicas do Existir dão-se de uma fôrma pura, em sí, são puros Em-Sí (mais do que existencias, do que seres em sí), e d'este modo surgem como animismo puro (animismo em sí, não propriamente como animismo de alma, de Ser, de Existencia, que como pura é mais do que Existencia, é só abstracto Existir); e isso mostrei eu: tudo o que é em sí dá-se em Sentir-se-Crear-se (em creativo Sentir-se ou sentido Crear-se), dá-se emfim animicamente, sendo um puro Anímico. E se tudo isso é



mais do que existencia, ou se é tão puramente, essencialmente existencia que é só um Existir vazio de existencia, isto é, um existir que é vacuo através de ser existir e existir anímico, e se portanto se dá com cada um d'esses existir o que se dá com o Existir em geral, Ultra-ser, Ultra-eu, todos elles supõem puramente (em sí), anímicamente o que supõe este. Ora o que supõe este? Todos os existir, ultra-seres, phantasmas (isto é, seres anímicos essencialmente Vacuo, chimera) (1) que eu mencionei. Portanto cada um d'elles supõe igualmente em sí-proprío todos, suppondo, creando puramente, anímicamente em sí-proprío o Existir-Infinito, por isso que é puramente, infinitamente existir. Se elles se supõem mutuamente, se uns se supõem os outros (dando-se todos *relativamente* uns aos outros), é que são metaphysicamente indeterminaveis, tão indeterminaveis, tão vertígicos que nem os podemos definir como simplesmente indeterminaveis. Nós damos-lhes nomes distintos porque os intuicionamos distintos, mas através de ser cada um todos (por isso que cada um é puro existir, e o puro existir supõe-os a todos); nessas circunstancias a natureza d'elles, tão vertígicamente individual, determinavel, como vertígicamente universal, indeterminavel, sendo todos o mesmo e diferentes em Vertigem, essa natureza que os confunde e que os distingue, é bem incerta, indecisa, vertígica. (E como cada um através de ser vertígicamente elle-proprío é vertígicamente os outros, dando-se nos outros (dando-se em Outro), sendo *relativo* aos outros, trata-se d'um processus de pura relatividade vertígica a desenrolar-se em puro Labyrinthizar, o que é facil de reconhecer: é bem labyrinthicamente que os phantasmas se criam uns aos outros através da sua natureza de existir puro, infinito, excessivo, creando-se uns *emquanto* («*en tant que*»: como sendo) outros). D'este modo tudo é incerto, relativo, vertígico no puro, divino, ou ultra-divino Existir-Nós (o existir que sentimos em nós) E é labyrinthicamente que tudo é incerto, relativo, vertígico. Ora esse puro delírio de vertigem labyrinthica através de que surge incerta, vertígica ansia, prazer, dôr, luxuria, humilhação, orgulho, poder, aniquilamento, tudo labyrinthicamente confundido e distincto, esse delírio feito de uma tal confusão de phantasmas e de outros muitos que eu ainda podia deduzir em Vertigem do Existir Puro, sem duvida imprime-se genialmente no espirito magnanimo da loucura. Esta é feita de fôrça e de deprimentes humilhações, é feita de poder em orgulho e de afflictivo aniquilamento. Tudo que se dá no Existir, dá-se nella e na mesma confusão labyrinthica, na mesma Vertigem. E a loucura é pavorosamente espectral, ella é a expressão de Inexpressão phantasmica onde surge um Grande Vacuo espectralizado, o phantasmico Vacuo puro, infinito, abysmicamente infinito, que ha no Existir e em tudo do Existir. Esse vazio espectralmente, phantasmicamente immenso imprime-se bem na alma glacial dos loucos e no seu olhar abysmicamente, espectralmente glacial e fixo como de larvas do Inferno!

RAUL LEAL

(1) Nós intuicionamos o phantasma ou espectro como tendo tanto de realidade anímica como de chimera, de irreabilidade, de Vacuo. Trata-se pois nelle d'um Vacuo phantasmico ou espectral todo essencialmente Vertigem, isto é, d'uma natureza essencialmente incerta, vertígica. E esse Vacuo-Phantasma em Vertigem dos phantasmas é o Vacuo-Phantasma em Vertigem essencial a todo o Existir, que é realmente vazio de Existencia, é realmente Vacuo, por excesso de Existencia-Anímico.

## DA ANTHOLOGIA GREGA

---

VI. 1.

Eu, cuja belleza altiva sorriu-se da Grecia,  
Laís, a cuja porta eram enxame os amantes,  
O espelho, em que me via, hoje a Aphrodite dedico :  
Não quero ver-me qual sou, não posso ver-me qual fui.

PLATÃO

VII. 20

Apagaste-te, velho Sophocles, flor dos poetas, cuja  
Fronte vós, purpureos cachos de Baccho, orlaes.

ANONYMO

V. 81.

Tu, tu que trazes as rosas, é rosas o encanto que trazes.  
O que é que vendes? a ti? ás rosas? ou ás rosas e a ti?

DIONYSIO O SOPHISTA

VII. 16.

O tumulo contém os ossos e o nome mudo  
De Sappho; suas palavras habeis são immortaes.

PINYTO

V. 80.

Maçã sou. Quem te ama atira-me a ti.  
Xanthippe, consente. Ambas feneceremos.

PLATÃO

VII. 441.

Tu as altas de Naxo, Megátimo e Aristophonte  
Columnas, ó grande terra, tens por debaixo de ti.

ARCHILOCHO

VII. 469.

Anaxagores a Eubolo gerou, excedido por todos  
Em destino, e que a todos em boa-fama excedeu.

CHEREMÃO

V. 34.

Zeus comprou Danaë com ouro; com ouro te compro.  
Queres tu que te dê mais do que Jupiter deu?

PARMENIÃO

## A LATA VELHA

---

... E accentuando o bistro das olheiras, profundando-as, ia pensando naquelle momento decisivo, talvez de triumpho, quem sabe se de escarneo. E toda a sua vida, num bordado saudoso, se enclavinava ante os olhos que o espelho dizia predestinados... A sua vida, como lhe soava, metallicamente, falsa; e como lhe escorregava, sem saber para onde, ericada de magoas, cheia de saudades!... Por vezes — bem poucas, é certo — julgára hallucinadamente, que um dia, sem duvida, o triumpho chegaria; mas uma voz de silencio feria-lhe a alma, espectral, num hosanna gargalhante de ruidos ríspidos, estalidos de lata velha nas mãos toscas e sujas de um garoto esfarrapado, que, obsceno, percorria aos saltos as viellas d'aquelle bairro excentrico onde, pardamente, se lembrava ter nascido... E entre o espelho e ella — lenta evocação morphinizada — bailou-lhe a casa paterna, aquelle modesto terceiro andar, extremamente esquerdo; a rua, em baixo, suja; os passeios estreitos; e, ao fundo, na esquina, a loja da hervanaria...

E agora, emquanto esbraseava a boeca, mais soturno, novamente o passado lhe veio turbar o olhar... A noite tenebrosa em que morrera o pae, e, depois, os homens de negro e o caixão comprido, de velludo barato com doiraduras gastas de fanqueiro... Vieram, a seguir, as manhãs medrosas de nevoeiro, quando vendia flores; as caminhadas pela lama, e a inveja que lhe patinava os olhos estremunhados, olhando os vidros suados dos «cafés», onde, lá dentro, muita gente, muita, tomava bebidas quentes...

Uma nuvem de veloutine nimbou-a, aureoladamente, de névoa, como naquellas manhãs que lhe escorregavam, nervosas, pela memoria...

O nevoeiro! A humidade glutinosa das manhãs de inverno, quando vagabunda, sordida e anemica!... E a vida toda que passara até que os olhos — esses que o espelho agora mesmo fixava faiscantes — lhe tomaram aquelles fluidos nervosos encastoados em syncopes de violeta... O nevoeiro!... As noites mudas nos portaes, durante horas molles, interminas, rilhando uma côdea, transida, receando o negrume dos predios acachapados na sombra peganhenta dos bairros adormecidos...

Depois as esmolas da senhora Antonia — a hervanaria — e os galan-

teios viscosos do Chiquinho, um serralheiro olheirento, com tremuras nos dedos e idealismos ronzeiros nos olhos pisados...

Mirou-se bem no espelho oval... Qualquer coisa de extranho, no ambiente, no ar — quem sabe se na sombra! — envolvia-a num rhythmmo demoniaco de peccado... Sentiu a tentação da propria bocca, rubra e humida... E fechou os olhos.

E viu o Chiquinho na tarde serena em que triumphara violentamente do seu corpo de boneca de trapos... Reviu-lhe os beiços grossos, babados, as farripas oleosas da melena oscillante... Ouvia — e isto fel-a estremecer e abrir os olhos — o estralejar de uma lata velha, como então ouvira atirada por aquelle garoto esfarrapado, que, obsceno, percorria as viellas do bairro excentrico onde morava por esmola da hervanaria.

O ruido ríspido da lata continuava lá em baixo... Levantou-se, foi até á janella. Cahia uma chuva irritante e miudinha. Gente apres-sada passava — cada um com o seu destino —, fugindo aos pingos mais grossos das gotteiras... Pelo meio da rua, um garoto esfarrapado ia, aos saltos, atirando na frente uma lata velha.

Ah, como a sua vida lhe soava, metallicamente, falsa! Como sentia bem que lhe escorregava para um destino incerto, como esses que, em baixo, fugiam á chuva impertinente!...

E ficou-se assim, embriagada de sonho, testa collada aos vidros, vendo a multidão anonyma a desfilhar ante os seus olhos cansados do passado e a sua memoria ávida de reminiscencias e anciosa de triumphos...

AUGUSTO FERREIRA GOMES

# RIMAS DA LOA NOVA E DO BOM DESEJO

---

## ELEGIA DAS DOBADOIRAS

Ó velhinhas dobadoiras,  
Foram-se embora as Avós!  
Já não dobaes, dobadoiras,  
Longas meadas sem nós.

Rondava o tempo lá fóra,  
Subia a chamma no lar. .  
E as Avòsinhas de outrora  
Sempre comvosco a dobar...

Corria o linho, tão leve  
Como um fio do seu cabelo,  
E nas suas mãos de neve  
Crescia, lento, o novello.

Ó dobadoiras bailantes  
Dos tempos que já lá vão!  
Já não dobaes como d'antes,  
Já não dobaes ao serão...

Fartos abraços vos deram  
Fios de neve e luar:  
Todo o linho em que teceram  
As brancuras do Altar.

Linho que em vós se dobou  
Foi a toalha da mesa,  
E a renda que emmoldurou  
Rostos e mãos de princeza.

Por vós passou, em meadas,  
Todo o bragal dos bahús:  
Alvas de noiva, bordadas,  
Com ramos postos em cruz.

— Alvas de noiva que a sorte  
Ha já muito sepultou:  
Foram mortalha, na morte,  
P'ra quem na vida as bordou...

Dobadoiras abraçadas  
A' lembrança das Avós!  
Dobadoiras sem meadas,  
Ai como o tempo vos poz!

Choram por vós hoje ainda  
Quantas a graça tocou...  
(É a saudade não finda  
Do tempo que em vós findou!)

Ó dobadoiras mettidas  
 No fundo canto do lar,  
 Quantas historias ouvidas  
 Vós nos podieis contar!

Seriam naus embarcadas,  
 Principes nellas vogando . . .  
 E a Virgem das Sete Espadas  
 O seu Menino embalando . . .

Seriam moiras, guerreiros,  
 Naufragios no alto mar,  
 E o amor de Dom Gaiheiros  
 Trovando á luz do luar . . .

Ó dobadoiras tão sós,  
 Que o bom-uso envelheceu!  
 Foram-se embora as Avós,  
 Moram agora no céu . . .

Eis-vos, emtanto, dormindo  
 Um somno gêmeo da morte,  
 Viuvias do linho lindo  
 Que vos tomou por consorte!

Ai reliquias-dobadoiras,  
 As velhinhas — Deus as tem!  
 Fez-se o tempo dobadoira:  
 Foram dobadas tambem . . .

*Lisboa, 1918.*

## ODE CHRISTÃ

### I

Janellas abertas! Que o sol nos espreite!  
 Em volta da mesa reunem-se os Meus . . .  
 Ha pão para todos, morangos e leite,  
 Por graça de Deus!

Morangos e leite,  
 Sabor de deleite,  
 Na casa dos Meus . . .

### II

A mesa está posta, coberta de linho,  
 — O linho mais branco que o tempo dobou.  
 E dentro das taças amostra-se o vinho  
 Que a talha guardou.

Toalha de linho,  
 Com taças de vinho  
 Que a uva deitou . . .

III

Ó Dona do lar, nossa mesa puzeste,  
Tão clara e florida, num modo de Altar!  
Dá tudo que resta, que tudo que reste  
E pouco p'ra dar,

Em modo de festa,  
Dá tudo que resta,  
Ó Dona do lar...

IV

Na mesa, assim posta, já muitos de antanho  
Tomaram assento, tal qual como nós.  
Levou-os a morte: e o céu foi o ganho  
Dos nossos Avós.

Lembranças de antanho  
Baixam em rebanho  
Té junto de nós...

V

Em torno da mesa commum, como agora,  
Tão farta de tudo, por graça de Deus,  
Deus ha de dispor, como sempre e outrora,  
Os filhos dos Meus.

Mesa repartida  
Ao longo da vida  
Na casa dos Meus...

*Lisboa, 1919.*

## LEMBRANÇA DOS POSTIGOS

Olhos tímidos, olhando,  
Nos desvãos da noite escura...  
— São os pôstigos lembrando,  
Tímidamente evocando,  
Serões da nossa ventura.

Vê-os a gente hoje ainda  
Lucilando no negrume,  
Vivendo na graça infinda  
Da sua luz sempre linda,  
Do seu perdido perfume...

Luz de lendas e novellas,  
Perfume do seu contar...  
Postigos que abriam nellas  
Tinham geito de janellas  
Com escadas ao luar.

Se andavam Reis e Senhores  
Transviados do caminho,  
Elles brilhavam, maiores,  
Como estrellas de pastores  
Com acenos de carinho.

Se andavam velhos mendigos  
Tacteando a treva densa,  
Era essa luz dos Antigos  
Que irrompia dos postigos,  
Signalando a noite extensa.

Reis e mendigos, então,  
Sentindo nelles seu norte,  
Bemdiziam-lhe o clarão...  
E o velho mundo christão  
Era assim mais vasto e forte.

Quando a porta se fechava  
Ao rumor de alta contenda,  
Sempre um postigo ficava  
P'r'onde a vista se alongava  
De guarda á honra e fazenda.

Vinham francezes, outrora,  
Contra o Lar, o Pão e a Cruz...  
E era o postigo ness'hora  
A suprema e firme escora  
Do canno d'um arcabuz...

Seus quatro cantos somenos,  
Abertos ao céu profundo,  
Sendo no mundo pequenos,  
Resumem na porta ao menos  
Os quatro cantos do mundo.

Em sua aberta espreitante,  
Saudoso, se crucifica  
O mesmo adeus, longo e amante,  
De quem vem e passa adeante,  
De quem está e sempre fica.

É que o postigo, assim posto,  
Nesse ar tão lindo que é seu,  
Mostra a noss' alma no gosto  
Com que a olha em pleno rosto  
Olhando-o azul do céu.

E ou seja luz guiadora  
Ou claro adeus de alvorada,  
Sempre o postigo de outrora  
Sonha a graça do que fôra,  
Lembra a vida já passada.

*Janeiro de 1923.*



AS TECEDERAS

I

Velhas tecedeiras, lá da minha terra,  
A vida teceste, compondo ao tear...  
Velhas tecedeiras,  
Quanto a vida encerra  
Mil vidas inteiras  
Vos ha de lembrar.

As teias tecidas nas tardes de calma  
Que lindas ficavam, na alvura do linho!  
As teias tecidas  
Em sonhos, fios d'alma,  
Guardavam as vidas  
Em dobras de arminho.

II

Sahiam das casas humildes, baixinhas,  
Sonoros compassos do vosso tear...  
E agora, baixinhas,  
Parece que ao vel-as  
Olhamos capellas  
Pra a gente resar.

E agora, dormentes, na curva das ruas  
Sussurram apenas besoiros tristonhos...  
As ruas dormentes  
Mergulham, caladas,  
Nas tardes magoadas  
Em teias de sonhos...

III

No giro do Tempo que gira com tudo  
Sumiram-se as teias e o vosso tear...  
Com elle e com ellas  
Foram-se as primeiras  
Velhas tecedeiras  
Pra não mais voltar.

E a teia que ha sec'los a Vida compõe,  
Com quanto no mundo se cruza e nelle erra,  
A morte a destroe,  
Como ás derradeiras  
Lindas tecedeiras  
Lá da minha terra...

*Maio de 1923.*

FRANCISCO BELIZ

# LA GIOCONDA

DE WALTER PATER

(Traducção de Fernando Pessoa)

*La Gioconda* é, no mais verdadeiro dos sentidos, a obra-prima de Leonardo, o exemplo revelador do seu modo de pensamento e de trabalho. Em suggestão, só a *Melancholia* de Durer lhe é comparavel; e não ha symbolismo crú que perturbe o effeito do seu mysterio esbatido e gracioso. Conhecemos todos o rosto e as mãos da figura, posta em sua cadeira de marmore, naquelle circulo de rochedos fantasticos, como em vaga luz de sob o mar. Talvez de todos os quadros antigos seja aquelle que o tempo menos desbotou. Como muitas vezes acontece com obras em que dir-se-hia que a invenção chegou a seu limíte, ha nella um elemento dado ao mestre, que não inventado por elle. Naquelle inestimavel folio de desenhos, que um tempo Vasari possuiu, havia certos esboços de Verrocchio, rostos de belleza tão expressiva que Leonardo, jovem, muitas vezes os copiou. E' difficil não relacionar com estes esboços do mestre preterito, como com seu principio germinal, o sorriso insondavel, sempre como tocado de qualquer cousa de sinistro, que paira em toda a obra de Leonardo. Além d'isso, o quadro é um retrato. Desde a infancia vemos esta imagem definindo-se no estofo de seus sonhos; e, se não fôr o testemunho expresso da historia, poderamos pensar que não era esta mais que a sua dama ideal, por fim corporizada e vista. Que parentesco teve uma florentina real com esta creatura de seu pensamento? Por que extranhas affinidades assim cresceram separados o sonho e a pessoa, ainda que ligados de tão perto? Presente desde o principio incorporeamente no cerebro de Leonardo, delineada vagamente nos desenhos de Verrocchio, ella encontra-se por fim presente em casa d'*Il Giocondo*. Que ha muito de simples retrato no quadro, attesta-o a lenda de que, por meios artificiaes, a presença de mimos e de tocadores de flauta, se prolongou no rosto aquella expressão subtil. E, ainda, seria em quatro annos e por um trabalho renovado nunca em verdade findo, ou em quatro mezes e como por um golpe de magia, que a imagem assim se projectou?

A presença que assim tão extranhamente se ergueu de ao pé das aguas é expressiva d'aquillo que os homens, nos caminhos de um milhar de annos, tinham chegado a desejar. Aquella é a cabeça sobre a qual «vieram todos os fins do mundo», e as palpebras estão um pouco cansadas. E' uma belleza trabalhada de dentro sobre a carne, o deposito, cellula a cellula, de pensamentos extranhos, e devaneios fantasticos, e paixões exquisitas. Collocae-a um momento ao pé de uma d'essas brancas deusas da Grecia ou mulheres bellas da antiguidade, e como ellas se turbariam d'esta belleza, para onde entrou já a alma com todas as suas doenças! Todos os pensamentos e experiencia do mundo alli gravaram e modelaram, no que teem de poder de refinar e tornar expressiva a forma exterior, o animalismo da Grecia, a luxuria de Roma, o mysticismo da Edade Media com sua ambição espiritual e seus amores imaginativos, o regresso do mundo pagão, os peccados dos Borgias. Ella é mais velha que os rochedos, entre os quaes se assenta; como o vampiro, morreu já muitas vezes, e aprendeu os segredos do tumulo; e mergulhou em mares profundos, e guarda, cercanda-a ainda, o seu dia morto; e trafficou em tecidos extranhos com os mercadores do Oriente; e, como Leda, foi mãe de Helena de Troia, e, comõ Santa Anna, foi mãe de Maria; e tudo isto não foi para ella mais que um som de lyras e de flautas, e vive apenas na delicadeza com que lhe modelou as feições instaveis, e lhe coloriu as palpebras e as mãos. A fantasia de uma vida perpetua, congregando dez mil experiencias, é antiga; e a philosophia moderna concebeu a idéa da humanidade como trabalhada por, e resumindo em si, todos os modos de pensamento e de vida. Por certo que a Dama Lisa poderia ficar como a incarnação da fantasia antiga, o symbolo da idéa moderna.

## O QUE É A METAPHYSICA?

---

Na opinião de Fernando Pessoa, expressa no ensaio *Athena*, a philosophia — isto é, a metaphysica — não é uma sciencia, mas uma arte. Não creio que assim seja. Parece-me que Fernando Pessoa confunde o que a arte é com o que a sciencia não é. Ora o que não é sciencia, nem por isso é necessariamente arte: é simplesmente não-sciencia. Pensa Fernando Pessoa, naturalmente, que como a metaphysica não chega, nem apparentemente pode chegar, a uma conclusão verificavel, não é uma sciencia. Esquece que o que define uma actividade é o seu fim; e o fim da metaphysica é identico ao da sciencia — conhecer factos, e não ao da arte — substituir factos. As sciencias realizam esse fim de conhecer factos — realizam-o umas mais, outras menos — porque os factos que pretendem conhecer são definidos. A metaphysica procura conhecer factos in- ou mal-definidos. Mas, antes de conhecidos, todos os factos são in-definidos; e toda a sciencia, em relação a elles, está no estado da metaphysica. Por isso chamarei á metaphysica, não uma arte, mas *uma sciencia virtual*, poisque tende para conhecer e ainda não conhece. Se ficará sempre virtual, se o não ficará; se ha outro «plano» ou vida em que deixe de ser virtual — são cousas que nem eu nem Fernando Pessoa sabemos, porque verdadeiramente não sabemos nada.

Repare Fernando Pessoa que a sociologia é uma sciencia tão virtual como a metaphysica. A que conclusão, escassa que seja, se chegou já em sociologia? Positivamente, a nenhuma. Um congresso de sociologia, occupando-se de ao menos definir essa sciencia, não o conseguiu. A politica moderna é tão complicadamente confusa porque o espirito moderno obriga-nos (talvez sem razão) a buscar uma sciencia para tudo, e, como aqui não temos uma sciencia mas só a preocupação de a ter, cada um toma por absoluta a sociologia relativa, isto é nulla, que inventou ou que, mais ou menos estropiadamente, assimilou de outro que tambem no assumpto não sabia nada. Compare Fernando Pessoa as discussões dos escolasticos com, sobretudo, as dos socialistas, communistas e anarchistas modernos. É o mesmo especulativismo de manicomio, resalvando que os escolasticos eram subtis, disciplinados no raciocinio e inoffensivos, e os modernos «avançados» (como a si-propios se chamam, como se houvesse «avanço» onde não ha sciencia) são estupidos, confusos e, dada a pseudo-semi-cultura da epocha, incommodos. Discutir quantos anjos podem convenientemente fixar-se na ponta de uma agulha, pode ser improficuo; mas não é menos improficuo — e é com certeza mais engraçado — que discutir qual será ou deve ser o regimen humanitario (e porque não anti-humanitario?) e equitativo (e

porque não mais injusto e desigual do que o presente?) em que viverá a humanidade futura (e que sabemos nós, que ignoramos toda e qualquer lei sociologica, que desconhecemos portanto, mesmo sob a acção d'ellas, quaes são as forças naturaes que actualmente nos regem e arrastam e para onde, o que será a humanidade futura, o que quererá — pois pode não querer para si o que qualquer de nós quer para ella —, ou mesmo se haverá humanidade futura, ou um cataclysmo destruidor da terra, e da nossa sociologia ainda incompleta, e dos humanitarismos de byzantinos que não sabem ler?)

Repare ainda Fernando Pessoa no facto — que aliás cita em outra conexão — de que a sciencia tende para ser mathematica á medida que se aperfeiçoa, para reduzir tudo a formulas «abstractas», precisas, onde é maxima à libertação das «equações pessoaes», isto é, dos erros de observação e coordenação produzidos pela fallibilidade dos sentidos e do entendimento do observador \*. Ora «formulas abstractas» é justamente o que a metaphysica procura. E a mathematica, nos seus niveis «superiores», confina com a metaphysica, ou, pelo menos, com ideias metaphysicas. Tudo isto não quer dizer, é certo, que a metaphysica venha a ser mais que uma sciencia virtual, ou que não venha a ser mais. Quer dizer apenas que ella é effectivamente, não uma arte, mas uma sciencia virtual.

Pasmarão talvez d'estas considerações os que leram o meu *Ultimatum*, no *Portugal Futurista* (1917). Nesse *Ultimatum* lê-se sobre a philosophia uma opinião que parece, salvo que a precedeu, exactamente a mesma que a de Fernando Pessoa. Não é bem assim. A conclusão practica pode realmente ser identica, mas a conclusão theorica, que é a practica para uma theoria, é differente.

A minha theoria, em resumo, era que (1) se deve substituir a philosophia por philosophias, isto é, mudar de metaphysica como de camisa, substituindo á metaphysica procura da verdade a metaphysica procura da emoção e do interesse; e que (2) se deve substituir a metaphysica pela sciencia.

É facil de ver como esta theoria, tendo na practica quasi os mesmos resultados que o pensamento de Fernando Pessoa, é differente d'elle. Não rejeito a metaphysica, *rejeito as sciencias virtuaes todas*, isto é, todas as sciencias que não se approximaram ainda do estado, vá,

\* Convém que, para prevenção dos leigos, se faça uma observação, embora digressiva, a este respeito. As sciencias, ao approximarem-se do estado «mathematico», tornam-se *mais precisas*; é porém duvidoso que, *por isso*, se tornem *mais certas*. Tanto os puros mathematicos como os leigos em mathematica tendem a attribuir a esta sciencia um character de «certeza» que não é necessariamente exacto. A mathematica é uma linguagem perfeita, mais nada. Ha a considerar a relatividade dos proprios principios mathematicos — não a simples relatividade condicional, conhecida ha muito de todos que sabem que para muita applicação practica, isto é, verdadeiramente scientifica, da mathematica, é preciso introduzir coeficientes de correcção; mas uma relatividade mesmo incondicional, sobejamente demonstrada já, por exemplo e para a geometria, pela existencia de geometrias não-euclideanas, tão «certas» na applicação como a «classica». Convém ainda avisar esses mesmos leigos que a expressão «relatividade» é aqui empregada no seu sentido tradicional e logico e não no sentido, aliás infeliz e absurdo, em que se chama «da relatividade» á theoria de Einstein, que é simplesmente uma theoria, primeiro restricta, depois generalizada, do movimento relativo.

«mathematico»; mas, para não desaproveitar essas sciencias virtuaes, que, porque existem, representam uma necessidade humana, *faço artes d'ellas*, ou, antes, proponho que se faça artes d'ellas — da metaphysica, metaphysicas varias, buscando arranjar systemas do universo coherentes e engraçados, mas sem lhes ligar intenção alguma de verdade, exactamente como em arte se descreve e expõe uma emoção interessante, sem se considerar se corresponde ou não a uma verdade objectiva de qualquer especie.

É por esta mesma razão, por que substituo por artes as sciencias virtuaes no campo subjectivo, para não desamparar o desejo ou ambição humana que as faz existir, e exige, como todos os desejos, uma satisfacção embora illusoria, que substituo as sciencias virtuaes pelas sciencias reaes no campo objectivo.

Ponhamos ainda mais a claro a discordancia entre mim e Fernando Pessoa. Para elle a metaphysica é *essencialmente* arte, e a sociologia, de que não falla, é, naturalmente, sciencia. Para mim são, ambas e igualmente, *essencialmente* sciencias, não o sendo porém ainda, nem talvez nunca, mas por uma razão extrinseca e não intrinseca. Proponho pois que se substituam por artes *emquanto* não são effectivamente sciencias, o que pode ser que seja sempre, dando-se então na practica, entre a minha theoria e a de Fernando Pessoa, aquella coincidencia de efeitos que não é rara entre theorias não só diversas, mas absolutamente opostas.

Esclareço ainda mais... A metaphysica pode ser uma actividade scientifica, mas tambem pode ser uma actividade artistica. Como actividade scientifica, virtual que seja, procura *conhecer*; como actividade artistica, procura *sentir*. O campo da metaphysica é o abstracto e o absoluto. Ora o abstracto e o absoluto podem ser sentidos, e não só pensados, pela simples razão de que tudo pode ser, e é, sentido. O abstracto pode ser considerado, ou sentido, como não-concreto, ou como directamente abstracto, isto é, relativamente ou absolutamente. A emoção do abstracto como não-concreto — isto é, indefinido — é a base, ou mesmo a essencia, do sentimento *religioso*, incluindo neste sentimento tanto a religiosidade do Além, como a religiosidade laica de uma humanidade futura, porque, desde que se forme uma visão de uma humanidade *definitiva*, ou de um ideal politico *definitivo*, isto é absoluto, sente-se não-concretamente, porque se sente em relação á realidade concreta, mas em opposição ao «fluxo e refluxo eterno», que é a base d'ella. A emoção do abstracto como abstracto — isto é, definido — é a base, ou mesmo a essencia, do sentimento *metaphysico*. O sentimento metaphysico e o religioso são directamente oppostos, o que se vê claramente na infecundidade metaphysica (a falta de grandes originalidades metaphysicas) em epochas como a nossa, em que a especulação social utopica é o phenomeno marcante, e não haveria metaphysica alguma se não houvesse deficiencia da outra parte do espirito religioso, e aquella

liberdade de pensamento que estimula toda a especie de especulação ; ou como a Edade Media, perdida na adaptação theologica de metaphysicas gregas, e em cuja noite caliginosa só de vez em quando brilha metaphysicamente o astro breve de uma heresia.

O sentimento religioso é inteiramente irracionalizavel, nem pode haver theologia, ou sociologia utopica, senão por engano ou doença. O sentimento metaphysico é racionalizavel, como todo o sentimento de uma cousa definida, que basta tornar-se *inteiramente* definida para se tornar materia racional, ou scientifica. Proponho eu, simplesmente, que a materia da metaphysica, *emquanto* não está inteiramente definida, e portanto em estado de se pensar, e a metaphysica se tornar sciencia, seja ao menos *sentida*, e a metaphysica seja arte ; visto que tudo, bom ou mau, verdadeiro ou falso, tem afinal, porque existe, um direito *vital* a existir.

A minha theoria esthetica e social no *Ultimatum* resume-se nisto : na irracionalização das actividades que não são (pelo menos ainda) racionalizaveis. Como a metaphysica é uma sciencia virtual, e a sociologia é outra, proponho a irracionalização de ambas — isto é, a metaphysica tornada arte, o que a irracionaliza porque lhe tira a sua finalidade propria ; e a sociologia tornada só a politica, o que a irracionaliza porque a torna practica quando ella é theorica. Não proponho a substituição da metaphysica pela religião e da sociologia pelo utopismo social, porque isso seria, não irracionalizar, mas subracionalizar, essas actividades, dando-lhes, não uma finalidade diversa, mas um grau inferior da sua propria finalidade.

É isto, em resumo, o que defendi no meu *Ultimatum*. E as theorias, politica e esthetica, inteiramente originaes e novas, que proponho nessa proclamação, são, por uma razão logica, inteiramente irrationaes, exactamente como a vida.

ALVARO DE CAMPOS

# QUATRO SONETOS

---

## REDOMA

Pesa o silêncio como nuvem densa.  
Entre nós dois o medo se levanta.  
Embora exista uma vontade immensa,  
A voz não se liberta da garganta.

Tudo o que se não diz e a gente pensa  
E' que enlouquece, desfigura e espanta.  
Alma de Lucifer que se condensa  
No corpo immaculavel de uma santa . . .

Maldita seja a dôr que se não esconde!  
Tomo nas minhas mãos a taça aonde  
Uma lagrima em breve se dilue.

Vivo do sonho, quasi não existo;  
E entre fogueiras sou apenas isto:  
Uma pallida sombra do que fui.

## AMOR

Sinto bem os teus braços nos meus braços,  
Beijando as tuas palpebras descidas;  
E vão as nossas boccas, distrahidas,  
Já em fogo soltar queixumes baços.

Sigo um roteiro de azulinos traços  
Menos confuso do que as nossas vidas . . .  
Mordendo as tuas carnes escondidas,  
De novo vibram os meus nervos lassos.

Na brasa do meu corpo aflora a espuma,  
E desces por instincto e por dever,  
Naufragando carícias, uma a uma.

Não! . . . Não me embriagues tão depressa!,  
Porque tem mais encantos no prazer  
O que mais lentamente se começa.

OPHELIA

Devagar, devagar, nem um gemido...  
 Nos olhos brandos lagrimas nem uma...  
 E' virtude morrer e ter vivido  
 Como á tona das aguas leve a espuma.

Tudo, afinal, é sonho desmedido,  
 Nuvem franzina e frágil que se esfuma.  
 Roça um rumor de preces meu ouvido,  
 Aza que em longos vôos se despluma.

Sobre o rio da Morte adormecida,  
 Prendem-se os teus cabellos nos arbustos.  
 Talvez por menos ande eu preso á vida...

Chego á janella, afasto-lhe a cortina,  
 E a tua sombra passa entre os meus sustos  
 E o fumo que em requebros se arlequina.

ESPECTROS

Innundam-se os meus olhos, onde mora  
 A tua sombra esphyngica de ausente,  
 E o sangue do teu sangue me devora  
 Este corpo em delírio eternamente.

No céu azul o sol é uma espora  
 D'oiro rutilo; e sabe toda a gente  
 Como o tempo galopa sem demora,  
 E o coração, que o acompanha, sente.

O tempo foge, alguma coisa fica  
 Que nos vem perturbar de quando em quando  
 Como um perfume de madeira rica.

Cego que foste, és hoje cinza e Deus;  
 E, ao lembrar os teus olhos, vou lembrando  
 As cegueiras que pairam sobre os meus!

GIL VAZ.